

Cântico dos Louvores das Criaturas ao SENHOR

Iraní Rupolo

editora UFN


Cantic



Cântico dos Louvores das Criaturas ao SENHOR

editora UFN

Universidade Franciscana - UFN
Santa Maria, 2026

EDITORA UFN
Rua Silva Jardim, 1535 | Prédio 7, Sala 201A
Centro | Santa Maria | RS
97010-491 | (55) 3220.1306

Autora
Iraní Rupolo

Produção executiva
Iraní Rupolo, Roberto Gerhardt

Revisão do texto
Denize da Silveira Foletto

Projeto Gráfico
Roberto Gerhardt

Fotografias
Juliano Mendes

R945c Rupolo, Iraní
Cântico dos Louvores das Criaturas ao Senhor / Iraní Rupolo, Roberto Gerhardt - Santa Maria, RS : UFN, 2026.
96 p. : il.

ISBN: 978-65-5852-528-8 (Impresso)

1. São Francisco de Assis 2. Cântico das Criaturas - reflexões 3. Cântico das Criaturas - poesia I. Gerhardt, Roberto II. Título.

CDU 271.3

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB/10 - 1491

Cântico dos Louvores das Criaturas ao SENHOR

Introdução

Esta obra resulta de tempos de reflexão sobre a vida de São Francisco de Assis, particularmente sobre o *Cântico do Sol.* Uma das razões que nos aproximam deste santo é o seu modo simples de viver. Neste Cântico, observa-se a maneira pela qual, radiante em louvor, ele convida todas as criaturas a louvarem o Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, fonte de todo o bem.

Francisco de Assis fez de sua vida um caminho de simplicidade no seguimento de Jesus Cristo. A fé no Verbo Encarnado e sua paixão pelo Crucificado tiveram profundo significado para ele e o conduziram a um modo de vida conforme o Evangelho. Compreendeu a criação à luz da Encarnação do Filho de Deus e, à medida que crescia no amor a Deus, tornava mais intenso o seu amor às criaturas.

No ano em que se completam 800 anos desde que o Poverello de Assis compôs o Cântico das Criaturas, pode-se compreender este poema como um transbordamento de seu espírito, totalmente em harmonia com Deus. O *Cântico do Irmão Sol*, ou dos Louvores das Criaturas, é, pois, expressão de uma profunda experiência de fé e da mística de um homem que acolheu plenamente, em sua vida, o dom de sentir-se criado à imagem e semelhança de Deus.

Nesta publicação, o Cântico é apresentado em diálogo com textos da Bíblia Sagrada, fonte inspiradora do amor e da sabedoria pelas quais o Santo conduziu sua vida. Integram esta obra reflexões, poesias e imagens, com o propósito de alargar e aprofundar o tema à luz da fé cristã, favorecendo o encontro com Deus e o cuidado com a Casa Comum.





Cântico dos Louvores das Criaturas ao Senhor

Francisco de Assis encanta por seu amor a Deus, seu espírito fraterno e sua relação com a natureza. Nasceu na Itália, em um período de grande desenvolvimento medieval, no qual afloravam, juntamente com o crescimento demográfico e econômico, o progresso agrícola e novas configurações sociais.

Enquanto jovem, viveu tempos de mudança. Quando ainda não tinha certeza do que devia fazer, buscou na oração a força para realizar o desejo interior. Escolheu fazer de sua vida a transformação que desejava. Estando em oração na pequena Igreja de São Damião, rezou diante do Crucifixo - o Cristo Sofredor: "Senhor, que queres que eu faça?".
O Crucificado lhe falou: "Francisco, vai, restaura a minha casa que, como vês, está toda destruída!" [1]. Acolheu essa revelação e decidiu realizar em sua vida a conversão que Deus lhe inspirou. Naquele contexto proclamou: "É isto que eu quero, é isto que eu desejo, de todo meu coração" [2].

Voltou-se totalmente para Deus e realizou em sua vida um processo de conversão ao Evangelho. Compreendeu que Deus, ao criar o mundo, tinha em vista o Homem- Deus, Jesus Cristo, o qual, em sua humildade, revestiu-se da natureza humana. Conheceu, tanto com a inteligência quanto com o coração, a maior das verdades: existe um amor que era antes do princípio (Jo 1,1), que se encontra no coração de todas as coisas e impulsiona a transcender esta vida terrena. A criação, em sua unidade e dinâmica, relaciona-se com o Mistério de Deus, que, em Jesus Cristo, se fez pessoa humana para nos salvar e estar conosco.

O Cântico dos Louvores a Deus expõe o ápice de sua espiritualidade. Ele o compôs um ano antes de sua morte. A simplicidade e a abundante riqueza espiritual revelam o espírito de renúncia que lhe é próprio e ressoam com suavidade em versos de sobrenatural familiaridade com as criaturas. Canta a beleza do mundo. O sentido da existência de cada criatura harmoniza-se de modo perfeito no louvor a Deus Altíssimo.

O Cântico transborda de sua alma embevecida do amor de Deus e, por isso, as obras divinas são imagem do Altíssimo. Segue uma dinâmica em que o louvor primeiro é devido a Deus Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor.
As estrofes dedicadas nominalmente ao irmão Sol, à Lua, às Estrelas, à Terra, ao Vento e ao Fogo qualificam cada elemento com adjetivos e, por meio deles, louvam o Criador. Mais do que isso, traduzem a pureza da relação de São Francisco com os seres como irmãos.

Ele era, então, um com o mundo e proclamava louvores ao Deus Criador, exaltando a beleza e a grandeza do Artífice da criação e a unidade entre os seres. Em sua experiência, todos

1 Legenda Maior 2,1, em Fontes Franciscanas e Clarianas.

2 Anônimo Perusino 11, em Fontes Franciscanas e Clarianas.

os seres estavam dentro dele. Pela graça divina, via a beleza de cada criatura. Não foi um idealista sem discernimento. Ao compreender a vida de tudo o que existe, percebia toda a obra criada como proveniente de Deus, pois vivia em profunda comunhão com Ele e com o seu mistério. Mais do que uma composição poética, o Cântico transborda a sabedoria da alma. Os louvores ecoam de seu segredo espiritual, da profundidade de seu encanto pela beleza de Deus.

A mãe Terra abriu diante dos olhos de Francisco de Assis um caminho de fraternidade com toda a criação. Sentiu-se irmão do sol, das estrelas, do vento, das nuvens, da água, do fogo - de todos os seres. Seu encantamento o levou a cantar. Tudo nele cantava. A graça de Deus o havia visitado. Ele vivia e entoava o esplendor divino. Não é a beleza das criaturas que é cantada, mas a graça de Deus.

Pelo fato de seu coração ser ardente e vivo no amor, foi direto ao coração de todas as coisas. Tornou-as parte de si e venceu qualquer instinto de apropriação. Assim, por um singular acordo entre o coração e a razão, iluminado em Deus, figura entre as pessoas mais sábias da história humana. Viveu como irmão da terra, com seu húmus e sua profundidade, onde se firmam as raízes que seivam o alimento das plantas.

Francisco de Assis sempre que olhava as plantas, o sol, os seres da natureza os envolviam no seu louvor a Deus. Nesse bem querer sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. Assim, chamar os seres da natureza de irmã, irmão, não era uma expressão poética, brotava espontaneamente da escolha que determinava sua relação de não domínio e exploração dos bens da natureza. Compreendia que a vida circula e sustenta de modo interdependente a cada ser e a todos os seres. Expressava a sua linguagem de fraternidade.

Atualmente, surgem sinais que nos alertam quanto à urgência de mudar o modo individualista de domínio e apropriação da natureza. O exemplo de Francisco de Assis nos inspira a abrir a inteligência e o coração, a ultrapassar a visão exclusivamente material e a acolher o significado de cada ser. O Cântico é um apelo a compreender a integralidade entre os seres e sua interdependência, que sustenta o ciclo da vida.

O ensinamento de Francisco de Assis tem intensa relevância para o tempo presente e para a sobrevivência do planeta. Cada pessoa possui a potencialidade de encontrar a presença de Deus em si e de percebê-la no mundo criado. Portanto, é chamada a imergir na meditação, a concentrar-se e a reconhecer os sinais de Deus Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor. Essa experiência conduzirá a sentir a obra divina não como algo acabado, que bastaria contemplar, mas a compreender que o desígnio de Deus continua a ser tecido na história da Criação por todos os seres. Como Francisco de Assis, somos convidados a proclamar a bondade de Deus em todas as criaturas.

Louvores das Criaturas ao Senhor

Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor[3],
Teus são o louvor, a glória, a honra
e toda a bênção.
Só a ti, Altíssimo, são devidos,
e homem algum é digno de te mencionar.



Louvado sejas, meu Senhor,
com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão Sol, que clareia
o dia e que, com sua luz, nos ilumina.
E ele é belo e radiante, com grande esplendor.
De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua
e as estrelas, que no céu formaste,
claras, preciosas e belas.



Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
pelo ar e pelas nuvens, pelo sereno
e por todo o tempo com que dás sustento
às tuas criaturas.



Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
útil e humilde, preciosa e casta.



3 Cf. Cântico do Irmão Sol ou Louvores das Criaturas, em Fontes Franciscanas e Clarianas, p. 104.

*L*ouvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo,
com o qual iluminas a noite.
E ele é belo e alegre, vigoroso e forte.



*L*ouvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã,
a mãe Terra, que nos sustenta e governa
e produz frutos diversos, flores e ervas.



*L*ouvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam por teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.



*L*ouvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã, a Morte corporal,
da qual homem algum pode escapar.
Infelizes aqueles que morrem em pecado mortal;
bem-aventurados aqueles que se encontram
em tua santíssima vontade,
porque a morte segunda não lhes fará mal.



*L*ouvai e bendizei o meu Senhor!
Agradecei e servi-O com grande humildade!



Altíssimo,
Onipotente,
Bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória,
a honra e toda a bênção.
Só a ti, Altíssimo,
são devidos,
e homem algum é digno
de te mencionar.



DEUS DISSE:

"Faça-se a luz!" E a luz foi feita.
Deus viu que a luz era boa e separou a luz
das trevas.
Deus chamou a luz de Dia, e às trevas, de Noite.
Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi
o primeiro dia (Gn 1, 3-5).

Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento canta a obra de suas mãos.
O dia entrega a mensagem a outro dia,
e a noite a faz conhecer a outra noite.

Não há discursos, não há palavras,
nenhuma voz que deles se ouça.
Por toda a terra seu som se espalha,
e a sua linguagem, até os confins do universo.

Ali pôs uma tenda para o sol.
Ele sai de um extremo dos céus,
e até o outro extremo vai seu percurso,
e nada escapa ao seu calor (Sl 18, 2-7).





A Deus Altíssimo

Ao Senhor Deus Altíssimo, Onipotente e Bom, primeiro e único, é devido o louvor. Louvor que evidencia como São Francisco compreendia e vivia o relacionamento com todas as criaturas - humanas, vegetais, animais e os elementos da natureza -, louvor que procede da união contemplativa com Deus.

Em sua vivência da fé, desenvolveu o *senso da grande santidade de Deus e de sua proximidade em Jesus Cristo, homem entre os homens, Filho de Deus que se revestiu da natureza humana, obra-prima de Deus*[4]. Suas palavras e atitudes são repletas de místico fervor e de louvor a Deus.

Na Regra de 1221, assim reza: "Onipotente, Santíssimo, Altíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo, Senhor do céu e da terra, nós vos rendemos graças por vós mesmo... sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, bendito, louvável, glorioso, superexaltado, sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos. Amém[5].

Deus lhe concedeu o dom de dizer, com extraordinária singeleza, admirável profundeza e intenso amor, a grandeza do Criador. Louvava a Deus com elevada gratidão e com o maior amor que lhe era possível. Jesus é o único e verdadeiro caminho para chegar ao mistério de Deus, origem de todas as coisas.
Ele é eterno; sua perfeição é infinita e dinâmica, porque é o Deus vivo. Só Ele é digno de todo louvor, honra e glória eternamente.

A majestade divina é tão grandiosa, sublime e, ao mesmo tempo, suave e delicada, não há palavras suficientes para dizê-la: "Onipotente, Santíssimo, Altíssimo, sumo bem, bem todo e que só és bom; a vós tributemos todo o louvor, toda a graça, toda a glória, toda a honra, toda a bênção, e todos os bens vos atribuamos para sempre. Amém[6]."

O mistério fascinante da absoluta onipotência de Deus suscita temor e gera a percepção da imensa pequenez da pessoa humana diante da grandiosidade e sabedoria de Deus. Por seu mistério de amor e por sua amorosa proximidade em Jesus Cristo, Deus é desejável, terno e misericordioso. A suprema humildade, dignidade e inefável grandeza de Deus inspiram o louvor ao Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor."

---

[4] DOYLE, E. Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal. São Paulo: Paulinas, 1985. p.79

[5] Regra não bulada XXIII, 1 e 10, em Fontes Franciscanas e Clarianas.

[6] Bilhete a Frei Leão, em Fontes Franciscanas e Clarianas, p. 106





O TEMPO

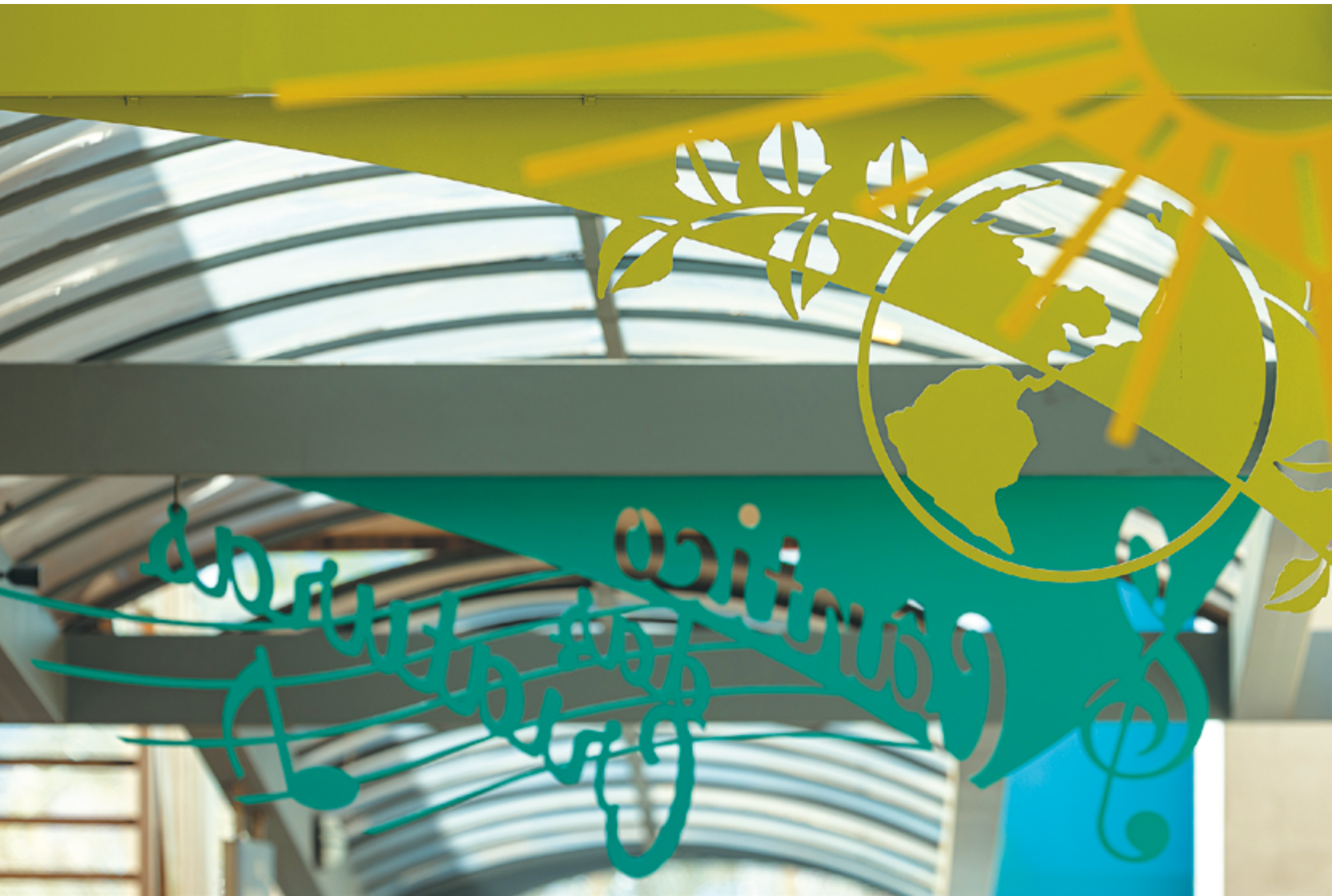
Houve uma tarde e uma manhã (Gn 1,5),
e não uma manhã e uma tarde.
Teu dia, Senhor, começa ao meio-dia,
quando, aquecida pelo sol, a terra
recebe, gera, forma a semente
que amadurecerá como maturam os frutos.

Contemplas as tardes e o entardecer,
aprecias o sol transmigrar as sombras.
As pessoas no trabalho, de volta à casa,
as vidas que se encontram de muitas maneiras.
Quiseste provar o sabor da tarde.
Nessa hora, rezo o instante que passa.

Escolheste a noite para o teu nascimento;
à noite acalmaste a tempestade no mar,
celebraste à noite a Ceia da despedida;
a noite viu o esplendor da tua ressurreição.
Aos que iam na noite, te revelaste ressuscitado;
dedicaste a noite, sempre a noite, à oração.

Quantos caminhos se abrem ao amanhecer;
estala a claridade, em cada manhã nasce a luz.
A vida começa e nunca mais termina.
Toda manhã é passado e é futuro;
é milagre da graça a vida que passa,
até que o sol suba à torre do infinito.

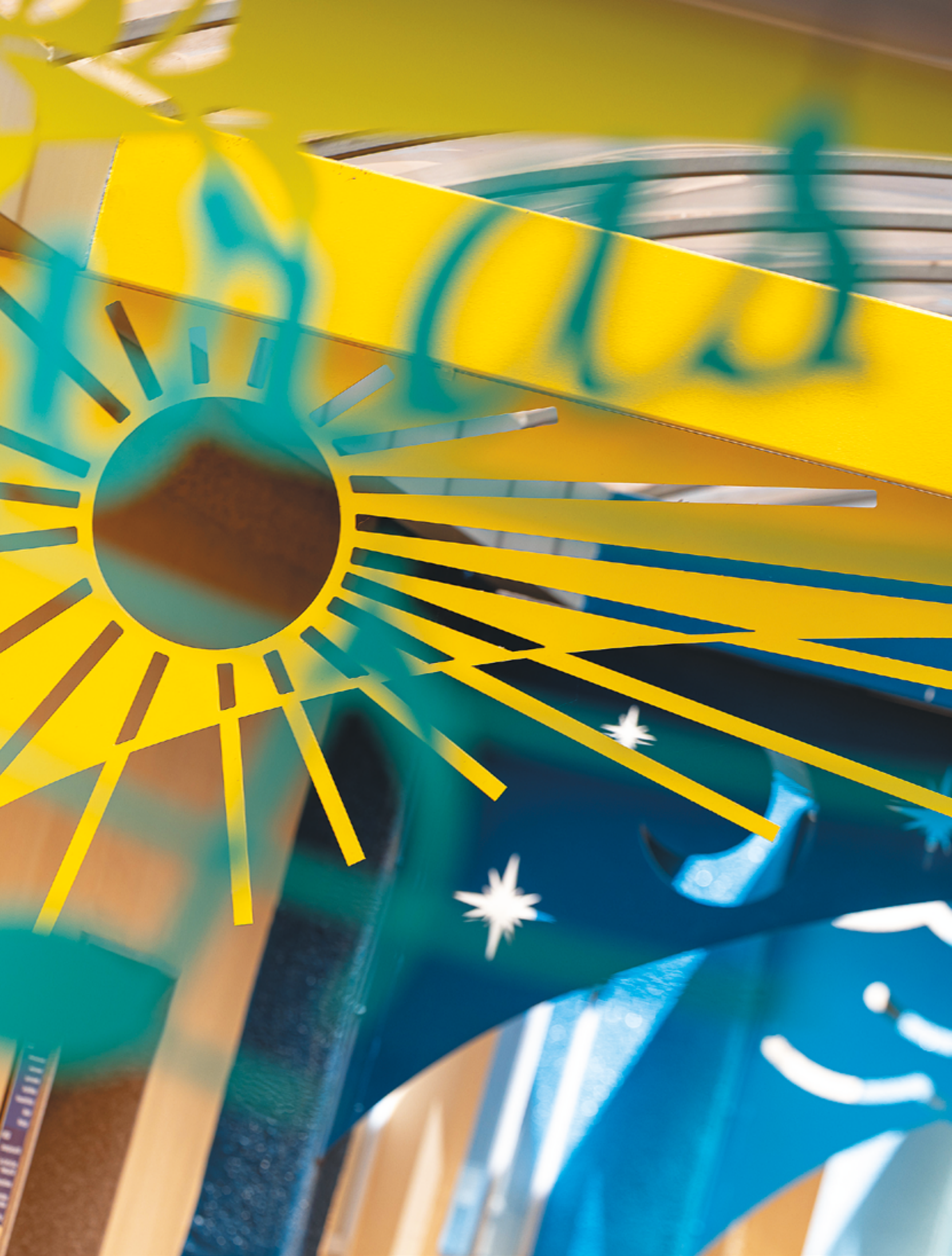
Junto a Ti, não me perturba qualquer tempo.
Passa o tempo, outro tempo se completa.
Vive-se sem possuir o tempo.
Não é o tempo que marca a plenitude da vida.
Houve a tarde, a noite, a manhã:
completou-se o Dia, a plenitude do tempo.







Louvado sejas,
meu Senhor,
especialmente pelo
Senhor irmão Sol,
que clareia o dia e que,
com sua luz, nos alumia.
E ele é belo e radiante,
com grande esplendor.
De ti, Altíssimo,
é a imagem.





DEUS DISSE:

"Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia e a noite; sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos; resplandeçam no firmamento dos céus para iluminar a terra." E assim se fez. Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia e o menor para presidir à noite; e fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento dos céus para que iluminassem a terra, presidissem ao dia e à noite e separassem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quarto dia. (Gn 1, 3-4; 14-19)

Não vi nenhum templo nela (Jerusalém), pois o seu templo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, e o Cordeiro. A cidade não precisa de sol ou da lua para a iluminarem, pois a glória de Deus a ilumina, e a sua lâmpada é o Cordeiro. (Apc 21, 22-23)

O Sol Nascente

"Desde o nascer do sol até o seu ocaso, louvado seja o nome do Senhor" (Sl 112,13). O sol, esperado já antes da aurora, surge imperturbável para o seu turno diário. Não é possível olhá-lo a olho nu. No entanto, a luz que dele provém permite distinguir cores, formas e lugares. Tem a missão de iluminar, aquecer e manter a harmonia do sistema solar. Nem o dia gasta o sol, nem as nuvens o extinguem. Nele, Deus nos presenteou com tudo. Nele, Deus feito homem nos dá todos os bens (Ef 1,11).

O sol dá nome a este Cântico. Jesus é evocado na figura do sol. Francisco de Assis via, no irmão Sol, o Cristo ressuscitado. Prefigurado na profecia de Malaquias, Jesus é o verdadeiro "sol da justiça que nascerá trazendo salvação e bênção" (Ml 3,20). Enviado por Deus Pai, o Sol da Justiça -aquele que veio trazer a paz - em tudo viveu conforme a vontade de Deus. A Carta aos Hebreus atesta sua adesão plena à vontade do Pai: "Eis que venho, Pai, para fazer a tua vontade". (Hb 10,9)

Em Jesus, "Sol nascente, Deus vem visitar o seu povo" (Lc 1,78) e, a cada manhã, o Eterno vem, com grandiosa ternura, conduzir e salvar o seu povo. A profecia de Malaquias realiza-se no tempo por Deus determinado: "Graças à ternura e misericórdia de nosso Deus, que nos veio trazer do alto a visita do sol nascente" (Lc 1,78). "A luz resplandece nas trevas» (Jo 1,5). Jesus é o dia pleno. Ele supera a noite do pecado. Nele não há pecado; as trevas não têm poder sobre ele.

Ele é o Sol da Justiça que ilumina a Igreja espalhada por todo o mundo. Com ele e por ele, começa um novo dia. Nele, a experiência ilumina e deixa iluminado. Esse momento não tem começo nem fim: passa, mas anuncia que ele voltará em plenitude.





Sinal do Eterno

O que era desde o princípio,
o Filho de Deus, do Pai eterno,
o Sol nascente, o Salvador,
a luz do alto nos veio visitar.

Ao se completar o tempo,
por desígnio do amor do Pai,
Deus se tornou homem
no seio puríssimo da Virgem Maria.

O Sol eterno que, vindo ao mundo,
revela Deus uno e trino.
Luz que brilha nas trevas,
redime e torna nova a Criação.

Por Ele, o Criador compôs
a noite, o dia, os tempos,
o espaço infinito, as constelações,
a imensidão do Universo.

Renasce a cada dia,
caminha jornada no céu.
Há sol em dias de chuva
esse Sol nunca se põe.

O Sol? É luz, só luz - é isso o Sol.
É luz, luminosidade, ardor.
Resplandece, entorna a sua luz.
Ele tem o olhar cheio de sol.





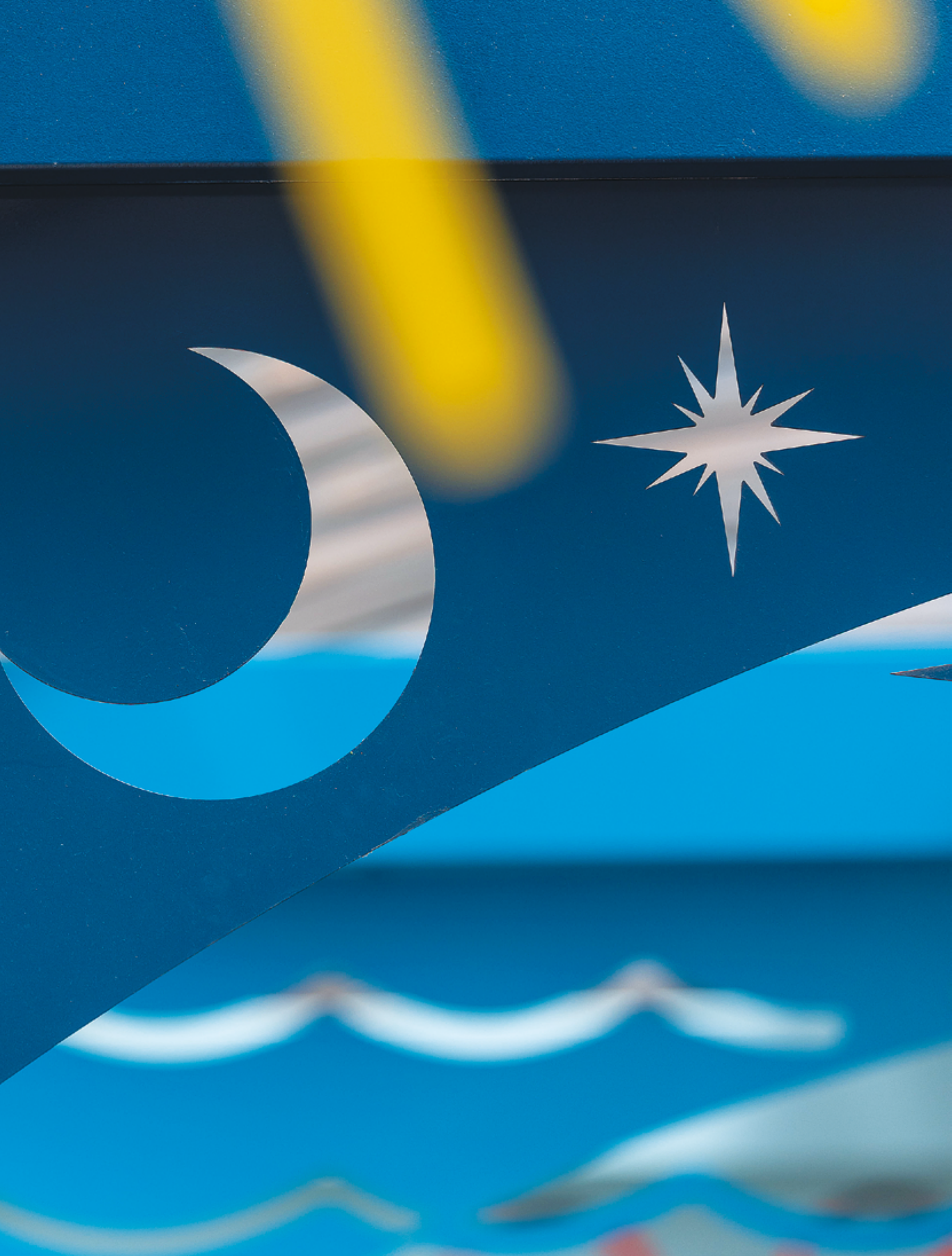
Louvado sejas,
meu Senhor,
pela irmã Lua
e as estrelas,
que no céu formaste
claras, preciosas e belas.



OBRAS DO SENHOR,

bendizei todas o Senhor;
louvai-o e exaltai-o para sempre.
Céus, bendizei o Senhor;
anjos do Senhor, bendizei o Senhor.
Águas que estais por cima dos céus,
bendizei o Senhor;
todos os poderes, bendizei o Senhor.
Sol e lua, bendizei o Senhor;
estrelas dos céus, bendizei o Senhor.
Chuvas e orvalhos, bendizei o Senhor;
e vós, ventos, bendizei o Senhor.
Luz e trevas, bendizei o Senhor;
relâmpagos e nuvens, bendizei o Senhor.
Fogo e calor, bendizei o Senhor;
louvai-o e exaltai-o para sempre.
Que a terra bendiga o Senhor,
louve-o e exalte-o para sempre.
(Daniel 3, 57-66.74)





Firmamento, o rastro de Deus

Contemplar o firmamento à noite é fascinante, ainda que sem telescópio. Na cidade, as luzes e os edifícios dificultam alcançar, pelo olhar, a amplidão do espaço celeste. No entanto, tem-se a oportunidade de admirar a lua e as estrelas. Isso faz sentido? Há pessoas que, por profissão, estudam e observam astros, constelações, planetas e, quanto possível, o universo.

Conforme o livro do Gênesis, "eles servem de sinais para marcar os tempos, os dias e os anos; servem de luzeiros para iluminar a terra" (Gn 1, 17-18). Por eles se alternam a luz e as sombras, os tempos e as estações. Desde a antiguidade, povos se orientam pelos astros para o plantio, a pesca, a caça e as migrações. Esses sinais não têm somente o sentido de orientar para o trabalho e o sustento; indicam fenômenos celestes cuja origem é Deus, o Mistério, o Sagrado.

As fases da lua demarcam tempos. A alternância de seus ciclos reporta à condição humana. De modo semelhante à lua, as situações podem ser novas ou de reinício. A lua cheia faz referência a festas e celebrações. Vivem-se fases de fragilidade, outras de maior vitalidade; tempos de dificuldades, outros de bem-estar; fases que vão e fases que vêm.

As estrelas, claras, preciosas e belas, despertam a olhar para o alto. Elevam ao Mistério que nos habita e envolve. Muitas pessoas, na relação com o universo, encontram o Sagrado. Essas experiências podem ser expressas pela arte, pela literatura, pela espiritualidade, entre outras dimensões da vida.

O poeta Olavo Bilac, na coletânea Via Láctea, diz em soneto[7]:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

---

7 BILAC, Olavo. Poesias - Via Láctea. Rio de Janeiro, 1888. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/textos-escolhidos. Acesso em: 21 jan. 2026.

8 KOSER, C. O Pensamento Franciscano. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 67

Este poema não é um monólogo. Ele canta o amor, o encantamento e, ainda que não alcance as estrelas, alcança a alma de quem o lê.

Terá o Poverello de Assis, no silêncio da noite, contemplado intensamente o firmamento, absorto na luminosidade da lua e das estrelas? Ter-se-á deixado envolver pelo "manto do Senhor", como intitulava Maria ao invocá-la? Sua devoção marial inicia-se na Porciúncula, lugar dedicado à Nossa Senhora dos Anjos, pela qual tinha especial devoção. Contemplar Maria, esposa do Espírito Santo e mãe de Jesus Cristo, enchia-o de ternura e amor[8].

Desse modo, ajuda-nos a imaginar que Deus, ao criar a lua e as estrelas, tinha em seu pensamento Maria, a Estrela da Manhã, a Aurora, o Sinal grandioso que precede o Dia, a Escolhida de Deus, a Imaculada que, ao se completar o tempo, seria a Mãe de seu Filho Jesus: Maria, a mulher coroada de estrelas, com a lua sob os seus pés.





Silêncio que fala

A lua, compacta e iluminada,
é sinal de Deus Criador.
Diminui até desaparecer,
reaparece cheia, florescida.
Flutua serena no firmamento,
paira clara na escuridão.
Senhora do silêncio,
sempre em transformação.

Beleza no céu são as estrelas,
cintilam luzeiros nas alturas.
Com arte, as constelações brilham,
rendadas em brancas réstias.
No impulso que as movimenta,
por sua existência louvam a Deus.
A Via Láctea, majestosa, imensa,
desfolha em pétalas os astros.

Detenho-me, estendo as mãos,
elas se vestem de luar.
Luar divino de lua cheia.
Acolho a luz inefável.
Azul é a altura - muito alto é o céu,
compõem-no milhares de astros.
Corro para alcançá-lo:
não o alcanço - ou está onde estou?







Louvado sejas,
meu Senhor,
pelo irmão Vento,
pelo ar e pelas nuvens,
pelo sereno e por todo
o tempo com que
dás sustento
às tuas criaturas.





O VENTO SOPRA ONDE QUER.

"Tu o escutas, mas não podes dizer
de onde vem nem para onde vai.
Assim acontece com todos os nascidos
do Espírito."
Perguntou Nicodemos:
"Como isso pode acontecer?"
Respondeu-lhe Jesus: "És mestre em Israel
e ignoras essas coisas?" (Jo 3, 8-9)

"Tendo-se completado o dia de Pentecostes,
estavam todos reunidos no mesmo lugar.
De repente, veio do céu um ruído, como o
agitar-se de um vento impetuoso, que encheu
toda a casa onde se encontravam.
Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo,
que se repartiram e pousaram sobre cada
um deles.
E todos ficaram repletos do Espírito Santo
e começaram a falar em outras línguas,
conforme o Espírito lhes concedia
que falassem." (At 2, 1-4)

Vento, o sopro de Deus

A vida tem tempos em que é dura, outros nos quais é generosa. Traz modos de ensinar e momentos favoráveis de aprender; há fases em que é necessário desaprender, outras em que se pode novamente aprender e entender melhor. Isso não é subsequente: acontece de modo concomitante.

Pensar a vida como ela é, à luz da fé em Jesus Cristo, traz à mente Francisco de Assis, que espelhou sua vida, tanto quanto possível, segundo o modelo de Jesus Cristo. Viveu dúvidas e desencontros; o sofrimento fez parte de seu caminho. Buscou, em diferentes situações, compreender por onde o Senhor o guiava.

Primeiro, Deus o conduziu aos leprosos. Teve deles misericórdia, como o bom samaritano do Evangelho (Lc 10, 25-37). Ele mesmo confirma: "Como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles; e, afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo[9]."

Aproximou-se e cuidou deles com ternura, como teria cuidado das chagas de Jesus. Compreendeu que Deus o conduzia ao encontro dos leprosos, pelo qual venceu a repugnância diante dos que sofrem e aprendeu a servir aos pequeninos.

Nada é trivial em Francisco de Assis. Necessitou superar a vergonha de não ter casa, de pedir esmolas, de se encontrar sem perspectivas. Na súplica, encontrou Deus; a Ele se entregou. Assim pôde dizer: *"O Senhor me conduziu entre eles*[10]*"*. Por graça divina, adquiriu a capacidade de ver o mundo como espelho da eternidade; pôde escutar a voz e perceber os sinais de Deus. Compreendeu o mistério de Cristo pobre e crucificado. Nele, o Espírito Santo preparou um lugar de escuta da voz de Deus.

Tempos, costumes e modos de viver nos distanciam do modo de vida deste santo. Desde então, muitas pessoas escreveram sobre ele e buscaram inspiração em sua forma de vida segundo o Evangelho. Entre as lições, pode-se aprender que é impossível mudar o mundo sem mudar o próprio coração.

A proximidade com a admirável experiência desse santo poderá nos assemelhar ao seu extraordinário modo de sentir a linguagem de Deus no vento que, em melodia, traz à mente a inconfundível e rara liberdade dos filhos de Deus. "O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito" (Jo 3,8).

O vento tem profundo simbolismo, lembra a impermanência do tempo, a inevitabilidade das mudanças e a transitoriedade da vida. O ar sendo invisível, onipresente e vital é símbolo de Deus. A vida depende da existência do ar; nossa vida depende da graça de Deus.

---

9 Testamento 1-3, em Fontes Franciscanas e Clarianas, p. 188.

10 Testamento 2, em Fontes Franciscanas e Clarianas, p. 188.





Vejo sem ver

Olha, escuta... sopra o vento,
tem silêncio e tem vozes,
diz, em sussuros, segredos,
sabe mil sons ressoar.
Em diferentes cadências,
brisa ou corrente brusca,
vento frio da travessia,
ligeiro, viração de aroma.

Já sem impurezas, suave,
rescende odor de chuva,
cheira a uvas e a trigo.
Porém, em outro momento,
passa em rajadas, rodopia,
mais depressa, mais depressa.
Levante-se, pois quem se enraíza
não tem a força do vento.

Como um viajante, por mim passa,
traz na essência a liberdade.
Sei que era Ele, pois transformou;
consigo levou meus medos.
Sigo ao sabor do vento (que não vejo)
e nascerei do Espírito outra vez.
Olho, escuto... sopra o vento,
meus olhos seguem te ouvindo.




Louvado sejas,
meu Senhor,
pela irmã Água,
útil e humilde,
preciosa e casta.



BIBLIOTECA
HORÁRIO DE ATENDIMENTO
BIBLIOTECA



ALI
SE ACHAVA A FONTE DE JACÓ.

Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se à fonte. Era por volta da hora sexta.
Uma mulher da Samaria chegou para tirar água.
Jesus lhe disse: "Dá-me de beber!".
Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento.
Disse-lhe, então, a samaritana: "Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?" (os judeus não se dão com os samaritanos).
Jesus lhe respondeu: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e ele te daria água viva!".
Ela lhe disse: "Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva? És, porventura, maior que nosso Pai Jacó, que nos deu esse poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?".
Jesus lhe respondeu: "Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede, pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna".
Disse-lhe a mulher: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem tenha de vir aqui para tirá-la" (Jo 4, 6-15).

Água, um toque de Deus

A água é sempre bendita. Constitui matéria em todos os seres. Onde existe água, há vida. A água das chuvas lava, renova o clima e abastece as fontes. Os rios, por onde passam, irrigam e transbordam fertilidade. Lagos e mares saciam a sede. Orvalhos renovam o vigor das plantas e do solo. Gelos e neves compõem a harmonia da Terra. A água, maleável em suas formas, mantém sua identidade em todas as circunstâncias.

Francisco de Assis entendeu a irmã Água como elemento pertencente à fraternidade universal, em que cada ser e todos os seres se encontram em uma complexa rede vital no amor do Criador. A água, irmã humilde, preciosa e pura, brota suavemente, faz percursos, torna-se torrente, aumenta discretamente em direção ao mar e lembra que Jesus é o caminho em direção à fonte da água viva.

A sensibilidade espiritual de Francisco lhe aprimorou o dom de acolher com o coração; assim, seu relacionamento não é exclusivamente com Deus, mas, em Deus, com todos os seres. Na multiplicidade dos seres, a água é um toque de Deus.

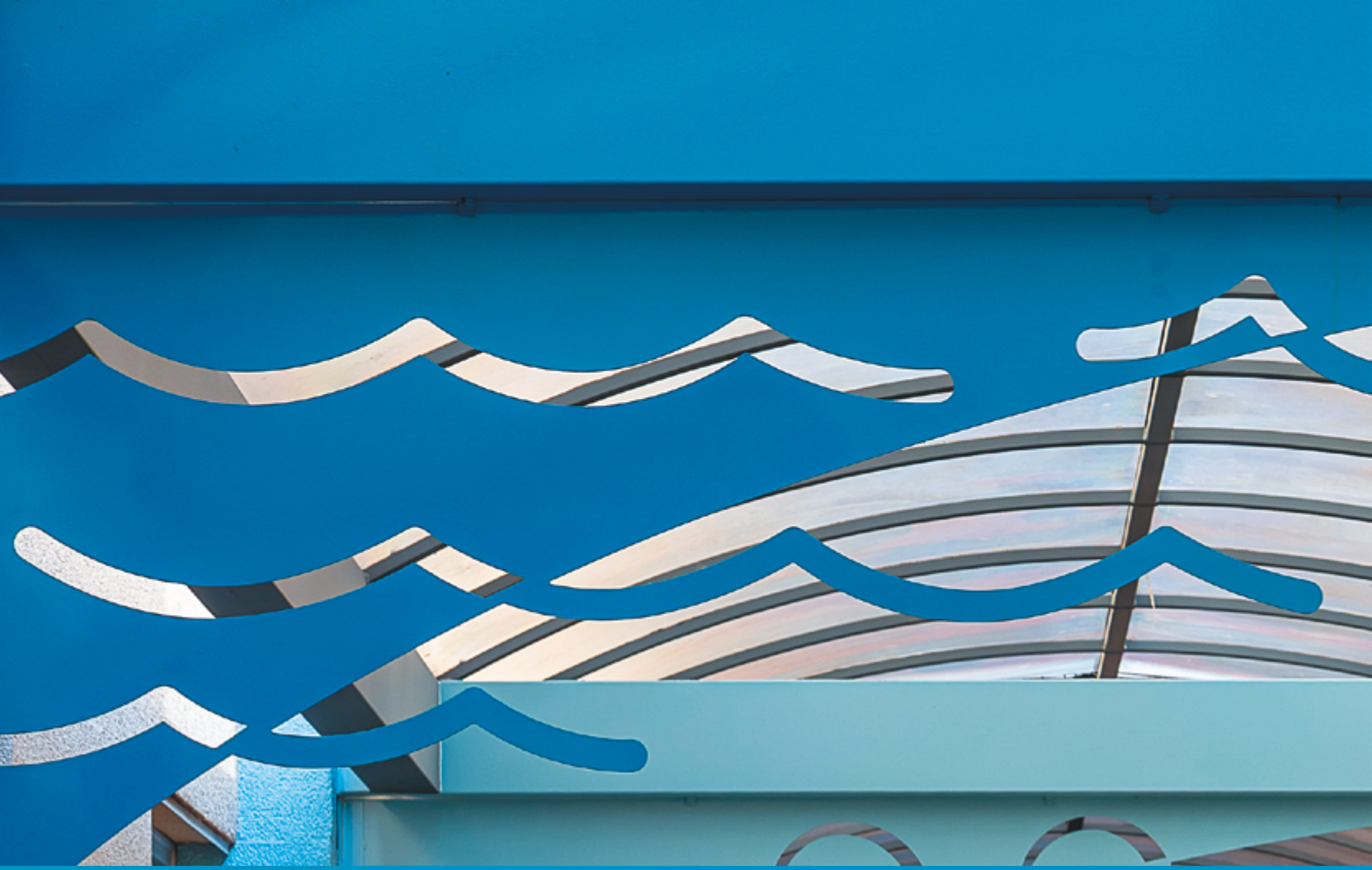
É um modo pelo qual o amor de Deus escolheu revelar-se e tornar-se vida na criação.

Como as demais criaturas, a água é um simples espelho no qual se pode contemplar a face de Deus. De beleza inigualável, encanta por seu ser. Assim, aquele que confia no Senhor "é semelhante a uma árvore plantada à beira da água corrente, que sempre dá frutos a seu tempo" (Sl 1,3).

Certa vez, indo em direção a seus discípulos que estavam em uma barca no mar, Jesus andou sobre as águas. Este foi um modo de ele dizer que, na travessia da vida, não nos abandona. Nas dificuldades, Ele está conosco, caminha conosco.

Jesus também escolheu a analogia da sede para falar de nosso anseio espiritual, bem maior do que a sede física, ao afirmar: "Quem tem sede venha a mim e beba. Quem crer em mim, do seu interior jorrarão rios de água viva» (Jo 7,37). Ele é o Caminho, a Fonte perene da Água Viva.





A SEDE

Nada há de mais simples
e refrescante do que a água.
Água é vida, é graça.
Deus se tornou água.

Tornou-se água, e temos sede.
Fez-se nuvem e chove no mundo.
A água, una em sua origem,
expande o amor criador.

"Dá-nos água para beber",
disse o povo a Moisés.
Por ordem de Deus, feriu a rocha;
dela jorrou água em abundância (Ex 17).

Falou Jesus à samaritana:
só Deus pode dar essa água.
É vida que dou, é alimento,
vem da fonte divina, do amor.

Vinde a mim, se tendes sede,
e eu vos darei de beber.
Da fonte inexaurível da graça,
para receber, é preciso crer.

O Cordeiro os guiará às fontes (Apc 22,1).
Quem beber da água que eu der
encontrará a água pura,
terá sede das coisas do céu.






Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão Fogo,
com o qual iluminas a noite.
E ele é belo e alegre,
vigoroso e forte.

MOISÉS
APASCENTAVA

o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Um dia, quando conduzia o rebanho para além do deserto, chegou até à montanha de Deus, Horeb. O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama que saía do meio de uma sarça. Moisés olhava: a sarça ardia, mas não se consumia. "Vou voltar", disse ele consigo, "para contemplar esse extraordinário espetáculo e saber por que a chama não se consome". Vendo o Senhor que ele se voltara para ver, chamou-o do meio da sarça: "Moisés, Moisés!" - "Eis-me aqui!", respondeu ele. E Deus disse: "Não te aproximes daqui. Tira as sandáliasdos teus pés, porque o lugar em que te encontras é terra santa. Eu sou", ajuntou ele, "o Deus de teu Pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó". Moisés escondeu o rosto e não ousava olhar para Deus (Ex 3, 1-6).




Prédio
7
BIBLIOTECA

Fogo, a chama do Espírito

Desde tempos imemoráveis, os povos guardavam respeito sagrado pelo fogo. Quando ainda não havia tecnologia para obter o fogo novo, tinham o cuidado de que este não se extinguisse. Eram, então, designados responsáveis para manter o fogo aceso, pois, do contrário, haveria perdas na subsistência, com agravo ao temor pelo sagrado.

No curso da história, poetas, santos e místicos chamaram a Deus de fogo. Refere Coulanges (2007) que "toda a casa abrigava um altar e sobre ele devia haver cinzas e brasas. Era obrigação do dono da casa conservar o fogo aceso dia e noite. O fogo era a providência da família. Tinha algo de divino, era adorado e se lhe prestava culto[11]". O culto e o uso do fogo encontram-se presentes em todos os povos.

Junto à evolução das sociedades, houve o aprendizado de acender um fogo novo. Essa conquista foi valiosa para o desenvolvimento agrícola, cultural e social. A evolução foi tão admirável que, em séculos recentes, o fogo, como era então utilizado, praticamente deixou de existir. Passou-se a utilizar combustíveis fósseis e, posteriormente, outras formas de energia, inclusive a nuclear. O progresso traz perdas, riscos e ganhos, os quais não cabe desenvolver neste espaço. Contudo, é necessário ter em mente esse contexto.

Na Idade Média, o fogo era amplamente utilizado na vida doméstica, tanto que Francisco de Assis possuía pelo fogo especial estima. O fogo ilumina a noite e aquece quando faz frio. Nas grutas onde repousavam, conservava-se o fogo aceso para aquecer e iluminar.

O acontecimento místico do Alverne foi um fato primordial de sua vida. Enlevado em oração pela graça divina, contemplou um serafim de ígneas asas, semelhante a um homem crucificado, com pés e mãos estendidos e preso à cruz[12]. O Mistério o envolveu; Francisco acolheu o Mistério. O Fogo do Espírito Santo transpassou-lhe a alma; sentiu-se purificado. Vivenciou intensa contemplação e, em seu corpo, ficaram os sinais do Crucificado.

O ardor pela paixão de Cristo o teria elevado acima da realidade material. O ponto dessa unidade acendeu a chama viva do amor. Desse esplêndido lugar retornou sereno e seguiu a conversar com o irmão Leão.

No início da Igreja, em Pentecostes, o Espírito Santo se manifestou como chama ardente: "De repente, veio do céu um ruído, como se fosse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceram-lhes, então, uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo" (At 2, 2-4). As línguas de fogo indicam a presença divina. O mistério daquele fogo tem a força criativa do Espírito. No decorrer dos séculos, a Igreja, ainda que passe por dificuldades, segue a Verdade, iluminada pela chama viva do Espírito Santo.

---

11 COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga, p. 26.

12 Legenda dos Três Companheiros 69, 2-5, em Fontes Franciscanas e Clarianas.





Centelhas

Gosto da chama que crepita,
em movimento ascende ao alto,
dança, perde-se no invisível,
diz coisas que ninguém entende.

Como a sarça, arde em prece.
Luminosa, infinita chama,
inconsumível, eterna chama,
inacessível, bendita chama.

Passa o coração do frio ao ardor;
dir-me-á segredos que não sei,
renovará a confiança e o vigor,
tornando-me a que sonhei.

Basta crer no caminho
para reacender o amor,
facho de luz, relâmpago
em fração de segundo.

Serena, silencia a alma,
permanece à escuta, colhe,
na melodia da chama a fulgir
seu ardor, essência pura.

Ardem a mente e a vontade.
Que era aquela chama?
Parecia ser a chama divina,
o esplendor do próprio Deus.

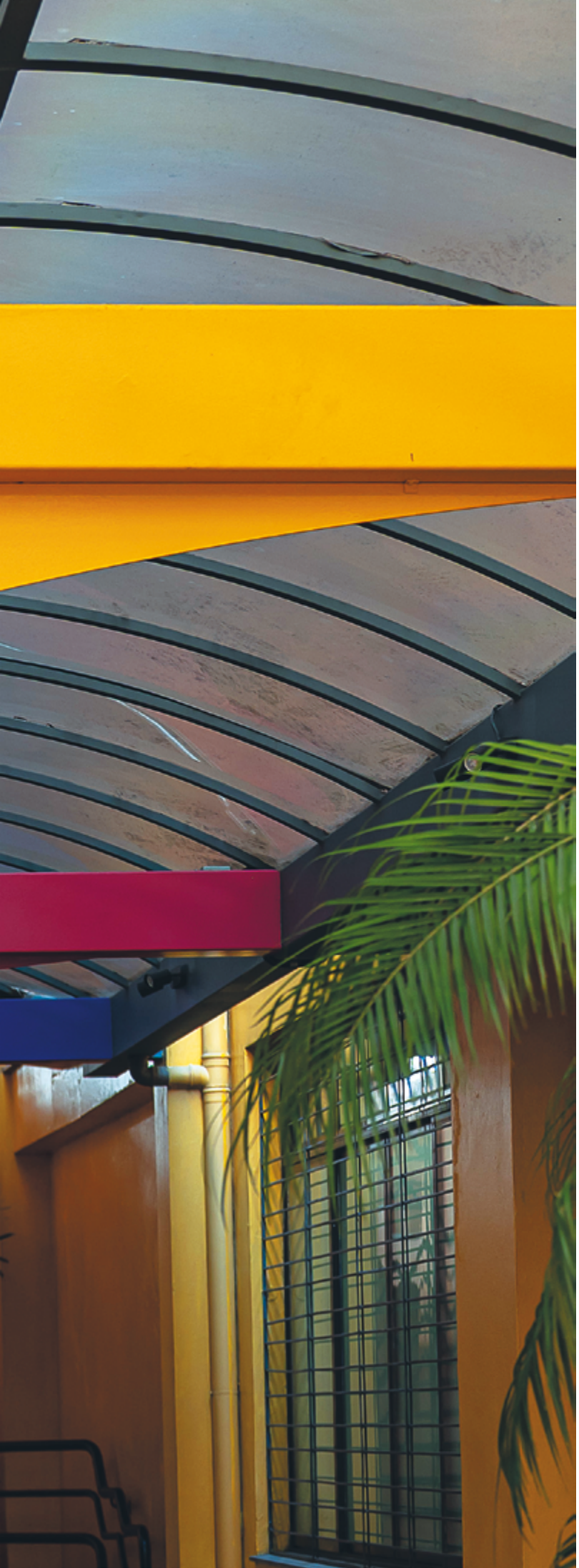






Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã,
a mãe Terra,
que nos sustenta e governa,
produz frutos diversos,
flores e ervas.


CENTRAL DE ATENDIMENTO



DEUS DISSE:

"Que a terra produza seres vivos segundo sua
espécie: animais domésticos, répteis e feras
segundo sua espécie." E assim se fez.
Deus fez as feras segundo sua espécie,
os animais domésticos segundo sua espécie
e todos os répteis do solo segundo sua espécie,
e Deus viu que isso era bom (Gn 1, 24-25).

Visitastes a terra e a regastes,
cumulando-a de fertilidade.
De água encheu-se a divina fonte,
e fizestes germinar o trigo;
assim, pois, fertilizastes a terra:
irrigastes os seus sulcos, nivelastes
as suas glebas,amolecendo-a com as chuvas;
abençoastes a sua sementeira.
Coroastes o ano com os vossos benefícios;
onde passastes, ficou a fartura.
Umedecidas as pastagens do deserto,
revestem-se de alegria as colinas.
Os prados são cobertos de rebanhos,
e os vales se enchem de trigais.
Só há júbilo e cantos de alegria (Sl 64, 10-14).

Mãe Terra

No final do século XII e início do século XIII, quando viveu Francisco de Assis, era inimaginável que o planeta Terra, nossa Casa Comum, passados 800 anos, padecesse mudanças tão intensas.

O modo de vida de então parece, para o tempo atual, um devaneio. O Poverello de Assis amava as criaturas, respeitava seu modo de ser e de existir. Para ele, nenhum ser da criação é produzido em série; as criaturas, uma por uma, são únicas. Perdemos esse senso?

Vivemos, no planeta Terra, intensas mudanças climáticas. Encontra-se em risco a sobrevivência humana e da natureza. Não se pode duvidar que a velocidade com que se desencadeiam essas alterações que incidem em fenômenos ambientais têm relação com modelos estruturais que se estabeleceram na sociedade humana.

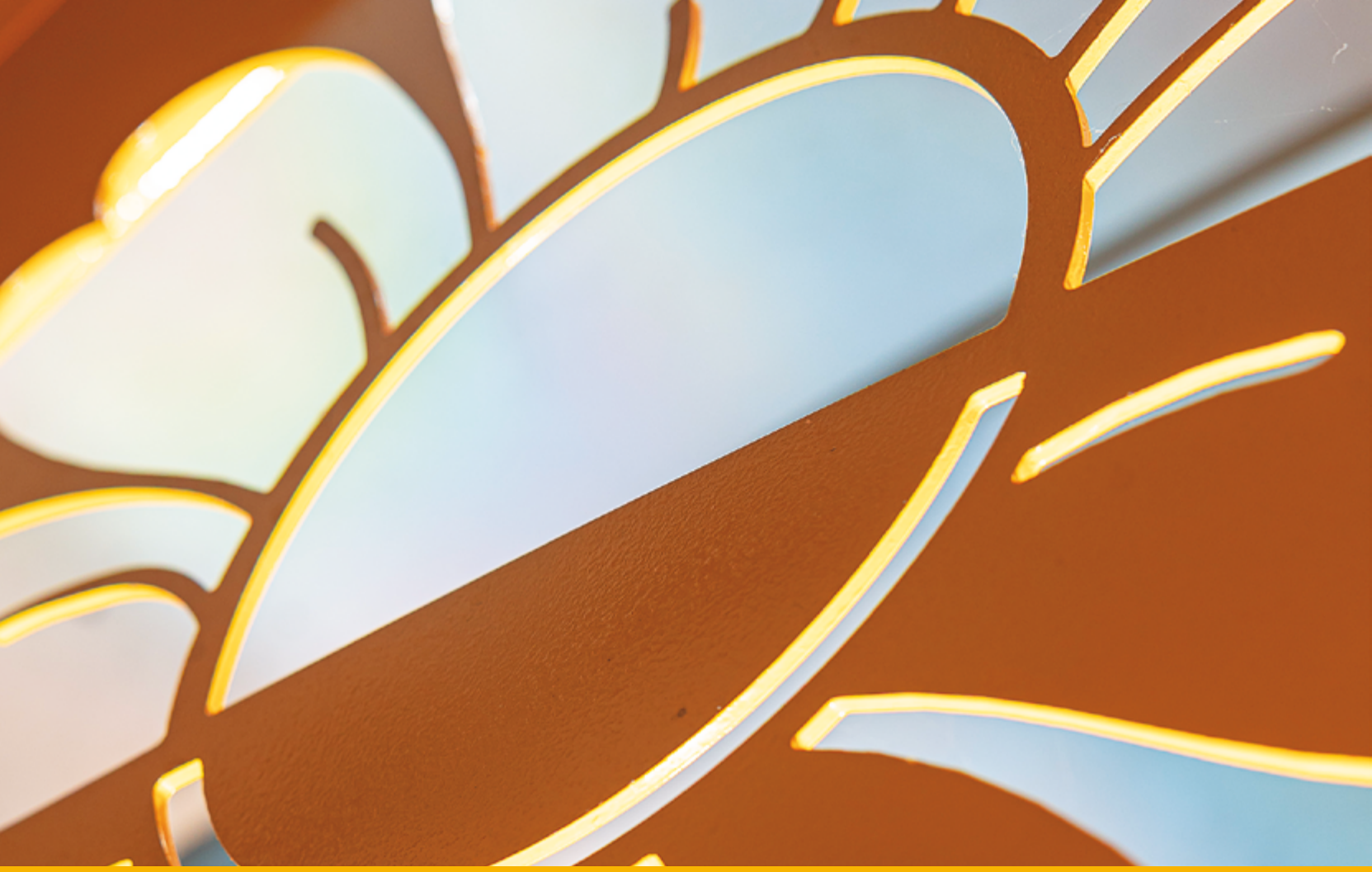
A estreita compreensão, movida por interesses exclusivamente utilitaristas e de apropriação dos bens da natureza, tomou dimensões incontroláveis. Em consequência disso, a Terra eleva gemidos de aflição que se manifestam em chuvas excessivas, elevados graus de calor, nevascas, estiagens, tornados e ciclones, desertificação e contaminação do ar, das águas e dos solos. Em decorrência, cresce o número de pessoas pobres e as migrações ambientais. Ninguém poderá sentir-se seguro onde há sofrimento e miséria.

A crise que se instaurou leva a constatar que o modelo econômico implantado em séculos recentes tem origem em profundos problemas de ordem antropológica. A pessoa, ao buscar o acúmulo de riquezas e o domínio sobre o outro, desviou-se do caminho do bem. Este tema é amplo e complexo. Contudo, a retomada do sentido da vida será possível se recuperarmos o amor, o primeiro princípio, dom de Deus destinado a mover a alma humana. O espírito deste Cântico clama ao discernimento frente a modelos políticos, culturais, econômicos e a graves ambiguidades que ferem, sobretudo, as populações pobres. Nossa casa comum pede urgentes mudanças no cuidado com a vida de todos.

Então, a pessoa encontrará sentido em sua vida pessoal, familiar e social. Não será utopia sonhar que a humanidade poderá revigorar o conhecimento e a ciência para o bem de todos; as tecnologias serão acessíveis conforme as diferentes realidades e necessidades, e o diálogo encontrará lugar nas relações humanas.

A maturidade humana trará vigor à fé em Deus como condição para compreender a ecologia integral. O Criador do universo será invocado como Pai nosso, assim como ensinou seu Filho Jesus. E haverá novos céus e nova terra (Apc 21,1).





Ao Criador

O Criador, princípio e autor da beleza,
sábio de coração, poderoso em sua força,
faz prodígios que não se podem contar.
Seu espírito inteligente tudo governa;
todas as circunstâncias lhe obedecem.

Ao soar sua voz, Deus pairou no universo,
sobre as águas como sobre as mágoas.
Deu à mãe Terra grandioso lugar,
envolta no azul infinito de especial beleza,
primor na atmosfera entre os planetas.

Ao despontar, o sol traz o amanhecer,
mantém o rumo, do nascente ao poente;
sua luz pura ilumina a todos.
No vasto oceano pululam fauna e flora;
vales e montanhas contornam o horizonte.

Louvo a Deus que nos deu a mãe Terra,
a semeou de vida desde o vale à serra.
Nos rios e mares, nas planícies e alturas,
a tudo criou de infindos modos,
deu existência e sustenta as criaturas.

Sua sabedoria é mais radiante que a luz,
mostra-nos seu rosto, chama-nos filhos.
Sua força, mais potente que as ondas do mar,
encoraja-nos na senda do amor e do bem.
Só o seu amor sabe porque nos deu a vida.

Deus dos tempos e de todos os milênios,
Eterno bem, princípio e autor da vida.
Na terra as sementes germinam e frutificam;
o universo proclama vossas obras.
Visto assim, o mundo é um jardim.







Louvado sejas,
meu Senhor,
pelos que perdoam
pelo teu amor
e suportam enfermidades
e tribulações.

PAI NOSSO

que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino;
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
aos que nos têm ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal (Mt 6, 9-13).

"Seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor. Mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco se ama" (Lc 7, 47).

"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23-34).





Alegria do perdão

Ao saber de uma contenda que separava o bispo e o prefeito de Assis, Francisco arranjou um encontro entre os dois. Enviou dois frades a cantarem a estrofe que acrescentou após ter composto a versão original do Cântico: *"Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam pelo teu amor e suportam enfermidades e tribulações"*. Concluído o Cântico dos Louvores, os que haviam estado em litígio desfizeram seus desentendimentos, e restaurou-se a paz na cidade[13].

Francisco de Assis exercia, por conduta justa e simplicidade, o anúncio da paz. Sabia que o cultivo da paz em si e ao seu redor contribui para a paz de todos. Proclamava o perdão como caminho para a reconciliação e a paz. Viveu e ensinou que o amor vence o ódio, a alegria vence a dor, a esperança desfaz os desenganos e a fé sustenta o sentido da vida.

Desejava que nada impedisse o amor a Deus e entre os irmãos. A Carta a um Ministro recomenda: "Ama aqueles que fazem essas coisas. Não queiras da parte deles outra coisa, a não ser quanto o Senhor te conceder. E ama-os em tudo isso; e não queiras que sejam cristãos melhores. Considera isso mais que um eremitério. E nisto quero reconhecer se tu amas o Senhor e a mim, servo Dele e teu, se fizeres isto: não haja no mundo irmão que peque, o quanto puder pecar,que, após ter visto teus olhos, nunca se afaste sem a tua misericórdia, caso busque misericórdia[14]". Felizes os que perdoam as ofensas recebidas; felizes os que aceitam ser perdoados.
Mais do que palavras, o perdão necessita de atos. O olhar confiante, o abraço cordial, o silêncio - mais do que as palavras - ensinam a linguagem do amor e da reconciliação.

No anúncio do Reino, Jesus libertou de doenças e males e concedeu o perdão aos que se encontravam sob o jugo do pecado. Ensinou a orar: "Pai Nosso, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos". Tão fácil de recitar este pedido, mais difícil é perdoar mágoas e ofensas. Difícil, não impossível. A cura está dentro de nós, na escolha do amor a Deus e ao próximo. Observando o corpo humano, aprende-se que as cicatrizes, ao serem tratadas, podem ser curadas.

O Redentor assumiu as dores da humanidade, fez a oferta de sua vida a Deus Pai e ensinou a perdoar pelo exemplo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem ..." (Lc 23,34). Maria, a mãe de Jesus, perdoou os que traíram seu Filho. Ela os perdoou e os reuniu com amor. Só de Deus feito homem aprendemos esta lição.

13 Compilação de Assis 84, em Fontes Franciscanas e Clarianas.
14 Carta a um Ministro 5-10, em Fontes Franciscanas e Clarianas.





A vossa misericórdia, Senhor

A vossa misericórdia, Senhor,
assegura-me a confiar
em vosso amor infinito,
pródigo em perdoar.
Ainda que não se apaguem
lembranças do sucedido,
o perdão é dom divino,
concedê-lo é amar.

A vossa misericórdia, Senhor,
liberta do pecado que oprime;
cada gesto de amor concedido
abranda, enfraquece a ferida.
E sempre que recomeço,
sinto-me nascer de novo;
o coração encontra vida
na boa acolhida do irmão.

A vossa misericórdia, Senhor,
ensina-nos a perdoar.
Nos acontecimentos diários
quando tudo parece difícil,
dai ao nosso coração sabedoria.
Ensinai-nos a orar em silêncio,
alimentai, vós mesmo, o nosso espírito.
Mova-nos a vossa misericórdia.

A vossa misericórdia, Senhor,
é o vosso amor infinito.
Sois consolo e proteção;
em vós, amor e confiança.
Dissestes-me ao ouvido:
"Vai em paz! Não peques mais."
De toda culpa me libertastes;
canto uma nova canção.







Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã,
a Morte corporal,
da qual homem algum
pode escapar.
Infelizes aqueles que
morrem em pecado mortal;

Bem-aventurados aqueles
que se encontram
em tua santíssima vontade,
porque a morte segunda
não lhes fará mal.

NÃO

HÁ MAIOR AMOR DO QUE DAR A VIDA PELOS IRMÃOS

Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado, para que se cumprisse plenamente a Escritura, disse: "Tenho sede." Havia ali um vaso cheio de vinagre. Os soldados embeberam em vinagre uma esponja e, fixando-a numa vara de hissopo, chegaram-lhe à boca. Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: "Tudo está consumado." Inclinou a cabeça e rendeu o espírito (Jo 19, 28-30).

Cristo ressuscitou dentre os mortos, como primícia dos que morreram. Com efeito, se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morreram, assim em Cristo todos reviverão (1 Cor 15, 20-22).





Irmã morte

A pessoa humana ocupa-se comumente com o futuro imediato. Em diferentes situações e tempos da vida, nossa inteligência amplia as questões sobre a morte, e surge a pergunta: depois, o que será?

A morte do corpo nasce conosco. Morremos a cada dia. O corpo passa por transformações e vai amadurecendo. Nesse processo, cresce a compreensão do sentido da vida e da morte. A morte corporal é natural. O corpo é mortal; a alma é imortal. Para os que morrem na graça de Cristo, a morte é participação na morte do Senhor, a fim de poder participar de sua ressurreição (Rm 6, 8-9).

A incapacidade de lidar com problemas emocionais e espirituais deixa a pessoa vulnerável diante da inevitabilidade da morte. Sabe-se que a vida temporal tem limite e que um dia a morte chegará. A morte, provação decisiva da vida, põe em causa todas as razões de viver.

Cada um irá morrer. A morte está presente em nós, e os sofrimentos ensinam a morrer. Assim, pode-se dizer que nascemos e morremos muitas vezes na vida. A morte pela qual toda pessoa iniludivelmente passará não é o final de tudo. A pessoa tem em si a semente da eternidade; nisso se fundamenta a confiança de que viveremos para sempre.

A fé nos assegura que teremos o encontro definitivo com Deus. Ela ensina o sentido da morte como consumação da vida, tal como se manifestou na morte de Cristo. A fé na vida eterna conduz a ver a vida como dom da graça de Deus e a viver com sabedoria tudo o que Ele nos concede.

Francisco de Assis, ao ser informado da proximidade da morte, cantou e manifestou intensa alegria, de tal modo que os frades temeram o escândalo dos fiéis. Estava repleto de alegria pela certeza da glória do céu. Alegrou-se com a proximidade da morte porque viveu com intensidade a entrega ao amor de Deus. Sentia que Deus o chamava a si. Ele não só aceitou a morte, mas a chamou de irmã. As muitas pequenas mortes de sua vida haviam sido transformadas em vida nova, em crescimento espiritual. Dessa vivência preparou o encontro definitivo com a irmã Morte.

A morte não constitui simplesmente um fato biológico nem um caminho para o vazio. A revelação de Deus traz sentido para a vida. Jesus nos diz: "Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar; e, quando eu tiver ido e preparado o lugar, voltarei e vos tomarei comigo, para que, onde eu estiver, estejais também vós" (Jo 14, 1-3).

A morte não é perda; é libertação deste corpo. O Filho de Deus não rejeitou a morte. Sua morte e ressurreição trouxeram vida para todos. De sua morte e ressurreição resultou a imortalidade. Morrer é ir ao encontro do Senhor que buscamos durante esta vida, para "habitar em sua casa todos os dias da vida e ver as delícias do Senhor" (Sl 26,4).





Nascemos para viver

Um dia nascemos e, depois disso, seremos
como se jamais tivéssemos sido.
Entre a partida e a chegada existe a viagem.
Há de tudo entre a aurora e o acaso.

A vida, um vaivém sem descanso,
esvai-se desde que seu tempo começa.
Vive-se sem conhecer o fim da estrada,
mas pode-se avaliar a distância percorrida.

Viver é amar, palmilhar a própria vida.
Sentir, no compasso, a dor e a alegria.
Decidir-se a fazer e a escolher o bem.
Aceitar a condição de ser mortal.

Viver é caminhar com outros ou sozinho,
ao sol e à chuva, e quando sopra o vento.
Viver é esculpir na vida o rosto, a voz,
a profundeza prefigurada ao nascer.

Na cruz esteve morto o eterno Crucificado.
Quando chegar a termo o meu caminho,
que será morrer, senão passar à vida plena?
Será sempre manhã: ressurreição!





Louvai e bendizei
o meu Senhor!
**Agradecei
e servi-O
com grande
humildade!**

Haverá um novo céu e uma nova terra



Vi então um novo céu e uma nova terra,
pois o primeiro céu e a primeira terra
desapareceram, e o mar já não existia.
Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade
santa, a nova Jerusalém, como uma esposa
ornada para o esposo. Ao mesmo tempo,
ouvi do trono uma grande voz que dizia:
"Eis aqui o tabernáculo de Deus com
os homens. Habitará com eles, e serão
o seu povo, e Deus mesmo estará com eles.
Enxugará toda lágrima de seus olhos, e já
não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor,
porque passou a primeira condição."
Então, o que está assentado no trono disse:
"Eis que eu renovo todas as coisas»
(Apc 21, 1-5).

Hino ao Deus Altíssimo

O Cântico conclui sem cessar no louvor:
Louvai e bendizei o meu Senhor.
Servi-O com grande humildade.
Entre o primeiro e o último verso do Cântico completa-se o contraponto das expressões: Altíssimo e humildade. Jesus, o Altíssimo, fez-se humilde; Jesus, o Onipotente, fez-se servidor; como Deus, ele nos dá os bens; feito homem, nos ensina a dizer: Pai nosso.
Em seu processo de conversão, Francisco de Assis começou por abandonar tudo o que constituía o seu modo de pensar e sentir, bem como os costumes culturais e sociais. Tirou tudo o que interferia em seu coração para voltar-se inteiramente para Deus.
E, à medida que se desapegava, Deus ia enchendo a sua vida, até que tudo nele Lhe pertencesse. Via a Deus com sua alma, seus olhos e sua inteligência. Acolhamos este hino de louvores a Deus:

"Vós sois Santo, Senhor Deus único,
que fazeis maravilhas.
Vós sois forte, vós sois grande, vós sois altíssimo, vós sois o rei onipotente, vós, ó Pai santo, rei do céu e da terra.
Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses; vós sois o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro.
Vós sois amor, caridade; vós sois sabedoria; vós sois humildade; vós sois paciência; vós sois beleza; vós sois mansidão; vós sois segurança; vós sois quietude; vós sois regozijo; vós sois nossa esperança e alegria; vós sois justiça; vós sois temperança; vós sois toda nossa riqueza à saciedade.
Vós sois beleza; vós sois mansidão; vós sois protetor; vós sois guarda e defensor nosso; vós sois fortaleza; vós sois refrigério.
Vós sois nossa esperança; vós sois nossa fé; vós sois nossa caridade; vós sois nossa doçura; vós sois nossa vida eterna: grande e admirável Senhor, Deus Onipotente, misericordioso Salvador [15]*."*

15 Bilhete a Frei Leão 1-6, em Fontes Franciscanas e Clarianas.


Cântico das Criaturas


Cântico
de graças

Louvor ao Altíssimo

Altíssimo!
Assim inicia o Cântico,
em louvor a Deus, onipotente e bom.
Senhor do mundo, inefável, inominável.
A Ti, louvor e glória eternamente.

Onipotente,
Todo-poderoso, que tudo criaste e governas;
amor que transborda em dom e graça.
Como é aquele que criou tal beleza?
Como chamá-lo?
Não somente Deus, mas Pai.

Bom Senhor,
Só Deus é bom, disse Jesus.
Altíssimo Senhor de toda a bondade,
enches de benevolência todo o universo.
Só Tu és bom. És bom, Senhor.

A Ti o louvor, a honra e a glória.
Tu és a fonte, a nascente inesgotável da vida,
mistério que conduz ao mistério.
Deus vivo e verdadeiro, origem da vida.
Em Ti, nossa esperança. A Ti, glória e louvor.

A Ti toda bênção.
É bênção buscar e desejar o mistério divino,
primeiro princípio, luz eterna.
É bênção acolher a graça divina,
com fé e amor, guardá-la no coração.

Louvado sejas, Senhor,
pelo sol, lua e estrelas no firmamento;
pelo fogo, ar, vento, água e mãe Terra;
pelos sinais impressos em cada ser.
A Ti, para sempre: honra, glória e louvor.

Louvado sejas, Senhor, por todo o tempo:
tempo de sol e de chuva, de frio e de calor,
de sofrimento e luta, de alegria e de esperança.
Acima de qualquer tempo, és Deus,
que não duras sequer, porque és eterno.

Louvado sejas pelo perdão e pela paz.
Ainda que pareça devaneio,
sonhar com o perdão e com a paz,
Tu podes fazer novas todas as coisas;
como a aurora, brilhará a justiça.

Louvado sejas pela morte e pela vida.
Creio na promessa doutra vida, a eterna,
a verdadeira. Teu mistério tudo esclarece:
"ao que se encontra na tua santíssima vontade,
a morte segunda não fará mal".

Ressonâncias

O Cântico dos Louvores das Criaturas ao Senhor é uma poesia de rara beleza, um hino à fraternidade universal. Acompanhado de melodia, convida ao louvor, desperta admiração, conduz ao agradecimento e afasta todo desejo de apropriação e domínio.

Com cortesia e intensidade, inspira ao perdão como caminho para a paz. É, antes de tudo, uma oração na qual Francisco de Assis uniu a beleza à fé.

O Cântico conduz a reconhecer cada ser como reflexo de Deus Altíssimo. A fraternidade entre as pessoas e com os seres da natureza envolve a todos em uma relação de afeto e amor fraterno. Se todos procedemos de Deus, somos todos irmãos.

Convida a ver o mundo com os olhos de Deus e a cuidar da criação sem romper a harmonia do Criador.

Quem melhor do que Francisco de Assis poderia despertar a integração da dimensão estética da vida? Viveu e revelou intensamente a beleza, cheio de alegria e contentamento. Da contemplação do essencial nasceu sua experiência do belo. Foi no despojamento interior e no sofrimento causado pela doença nos olhos que compôs o Cântico. No fim de sua existência, alcançou profunda união da vida com a vontade divina.

O Cântico afasta toda visão que reduza a pessoa a alguém sem rosto ou sem dignidade. Em nossos dias, percebemos um mundo ferido por visões fragmentadas que atingem as relações humanas - familiares, sociais e econômicas.

As desigualdades e os sofrimentos humanos revelam feridas profundas em nossa convivência.

Como alternativa para um modo de vida digno e feliz, o pensamento franciscano nos convida a utilizar com sobriedade os tesouros da criação, reconhecendo que o que se vê é passageiro, mas o que não se vê é eterno.

No mundo contemporâneo, São Francisco permanece como luz. Seu exemplo de vida revela a face de uma humanidade reconciliada e chama ao perdão como caminho de justiça e paz. Seu modo humilde e cordial continua a sustentar a conversão ao Evangelho, tornando possível libertar-se do domínio sobre o outro, da ambição de poder e da ânsia de possuir. Ele desperta novamente como sinal de esperança para a humanidade.

Nessa visão cósmica, somos desafiados a passar do consumo à renúncia, do desperdício à partilha, da avidez de ter à simplicidade de vida, do isolamento à consciência da interdependência, reconhecendo cada ser como dom de Deus Altíssimo e fortalecendo vínculos fraternos.

Assim, somos chamados a viver com esperança e a construir caminhos de fraternidade e de paz.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Bíblia Pastoral. 13ª impressão. São Paulo: Paulus, 2024.

BILAC, O. Poesias - Via Láctea, 1888. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/textos-escolhidos. Acesso em: 21 jan. 2026.

COULANGES, F. de. A Cidade Antiga. 3. Reimpr. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2007.

DOYLE, E. Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal. São Paulo: Paulinas, 1985.

KOSER, C. O Pensamento Franciscano. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LE GOFF, J. São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MERINO, J. A.; FRESNEDA, F. M. Teologia Franciscana. Petrópolis: Vozes, 2005.

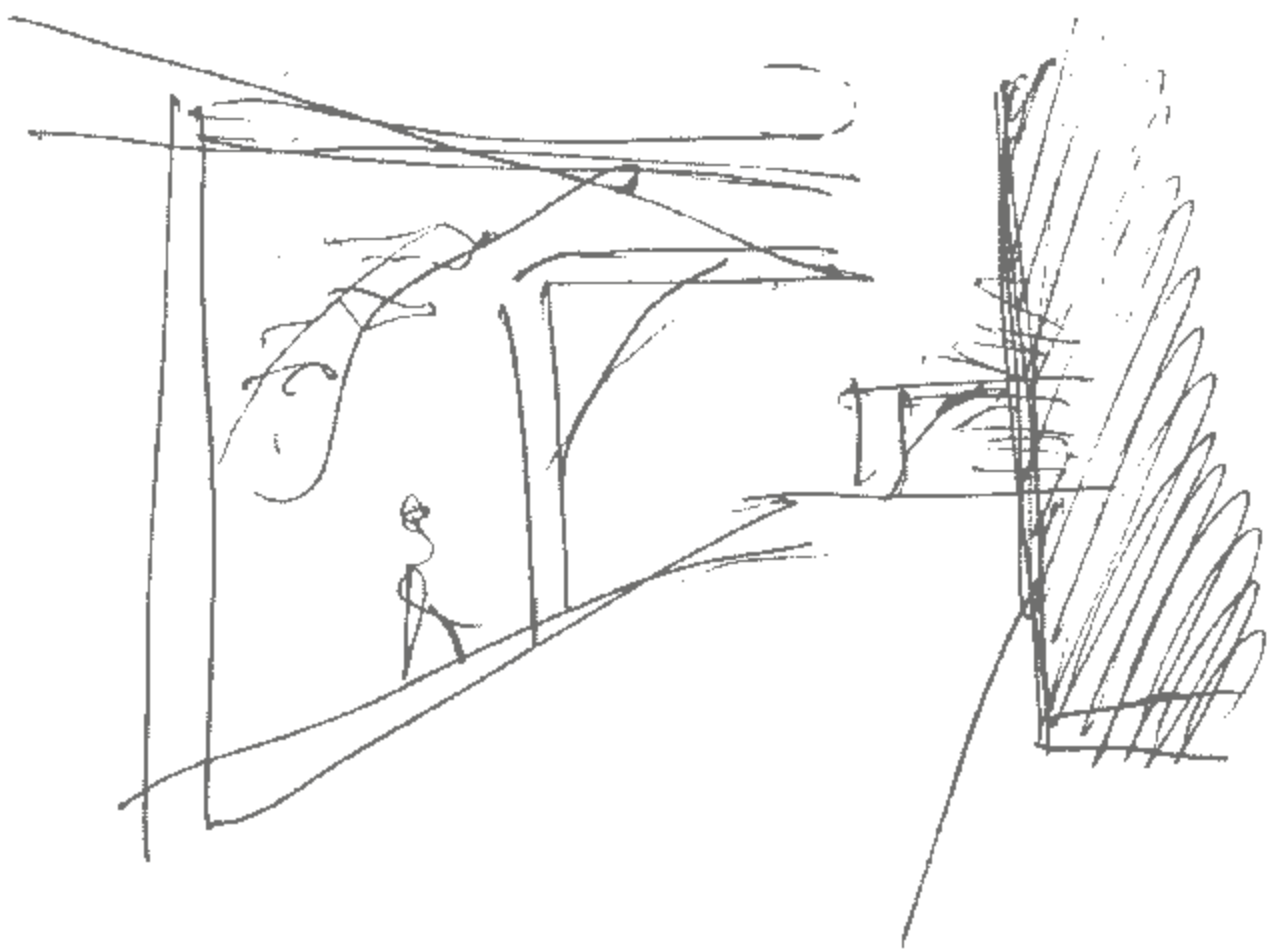
MOTTE, I. E.; Hégo, G. A Páscoa de São Francisco. Braga: Franciscana, 1972.

TEIXEIRA, C. M. (org). Fontes Franciscanas e Clareanas. Petrópolis: Vozes, 2004.



Iraní Rupolo é natural de Sarandi/RS. Graduada em pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (Santa Maria/RS), 1976, possui habilitação em administração escolar pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal, 1987. Especialista e Mestra em Educação pelas Faculdades Franciscanas - FAFRA (Santa Maria/RS). Tem formação em teologia e em espiritualidade franciscana.

Desenvolveu uma trajetória consolidada no ensino, gestão e liderança na educação superior. Destaca-se por sua atuação em organizações representativas da educação em âmbito nacional e em entidades da sociedade civil. É religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Em sua carreira alia o rigor acadêmico aos valores humanos e aos estudos franciscanos. Atualmente exerce a função de Reitora da Universidade Franciscana (UFN), em Santa Maria (RS).



A obra Cântico das Criaturas está instalada em um espaço de passagem do Conjunto 1 da Universidade Franciscana. Inspirada no cântico de São Francisco de Assis — que celebrou 800 anos em 2025 —, nasce de uma investigação sensível sobre seus versos, imagens e significados.

Entre representações figurativas e conceitos mais subjetivos, como o perdão e a morte, o projeto buscou traduzir em formas visuais aquilo que o texto sugere nas entrelinhas. Amparados pela semiótica e pela semântica, os autores transformaram signos e ideias em imagens para comunicar, de modo poético, cada passagem do cântico.

O processo percorreu estudos à mão livre e modelagem tridimensional, até chegar à execução em aço carbono, com base estruturada e pintura desenvolvida a partir de referenciais Pantone, adaptados ao catálogo de tintas automotivas para garantir maior durabilidade.Assim, cada elemento da obra — forma, cor, material e estrutura — compõe uma narrativa visual. Mais do que ilustrar, a obra convida à experiência: ao atravessá-la, o espectador constrói sua própria leitura, entre o visível e o imaginário, em um encontro íntimo com a poética do Cântico das Criaturas.

Círia Moro, Luíse Lovato e Roberto Gerhardt
Outono de 2026

editora.ufn.edu.br

IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Pallotti

QUANTIDADE
500 unidades

CAPA
Couchê Fosco 170g/m²

MIOLO
Couchê Fosco 150g/m²

TIPOGRAFIA
Helvetica e Trajan Pro


Cantic



9 786558 525288



Inspirada no Cântico de Louvores das Criaturas ao Senhor esta obra integra texto e imagem.
Articula o Cântico com a Sagrada Escritura e reflexões contemporâneas;
inspira a construir caminhos de fraternidade e de paz.

São Francisco de Assis, autor do Cântico, pela graça divina via o Belo em cada criatura
e proclamava louvores ao Criador. Os louvores ecoavam do seu segredo espiritual,
da profundidade do seu encantamento pela beleza de Deus.
Sentia a criação toda provinda de Deus e vivia em profunda comunhão
com Ele e seu Mistério. Em sua experiência harmonizava com todos os seres.

O texto dá voz ao Cântico e conduz a reconhecer cada ser como reflexo do Altíssimo Senhor.
Sensibiliza a perceber que todos os seres existentes vivem interligados e chama à fraternidade universal.

editora UFN